

GRAND OUVERTURE

Um espetáculo no Ninho

Leonardo Boccia¹



Resumo

A construção do Estádio Olímpico de Pequim custou ao governo chinês US\$ 500 milhões. O Ninho, como também é conhecido por sua estrutura em aço que reproduz as formas de um ninho de pássaro, tem 91 mil lugares e, em 08.08.2008, por ocasião da cerimônia de abertura de jogos olímpicos de Pequim, é transformado em gigantesco teatro de arena. De acordo com recentes pesquisas, a cerimônia de abertura das Olimpíadas de Pequim, sob a direção do influente cineasta chinês Zhang Yimou, por sua complexidade e criatividade, sensibilizou mais de 3 bilhões de espectadores-ouvintes em todo o mundo. Neste ensaio, apresento seqüências daquela cerimônia de abertura e discuto pontos de intersecção entre cultura, música e artes cênicas que, durante pouco mais de uma hora, cativaram o público no estádio ninho de pássaro e a audiência mundial com o mais ousado espetáculo cultural da atualidade.

Palavras-chave: Espetáculos culturais contemporâneos, Jogos Olímpicos de Pequim, cultura, música e artes cênicas.

Abstract

The building of Beijing Olympic Stadium cost to the Chinese government US\$ 500 millions. The 'Nest' as well as it is known, by its structure in steel that reproduces the forms of a bird nest, has 91 thousand places and, on august 8, 2008, for occasion of the Opening Ceremony of Beijing Olympic Games it was transformed to a gigantic arena theatre. According to recent researches, the Beijing Olympics Opening Ceremony, directed by the influent movie director Zhang Yimou, for its complexity and creativity, has moved more then 3 billions spectator-listeners all over the world. In this essay, I present sequences of that Opening Ceremony and I discuss intersection's points among culture, music and scenic arts that, during a few more than one hour, catch the public in the bird nest stadium and the world audience through the most daring cultural spectacle of the present time.

Key-words: Contemporary cultural spectacles, Beijing Olympic Games, culture, music and scenic arts.

¹ Doutor em Artes Cênicas, compositor e professor da Escola de Música, coordenador do Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade, e professor pesquisador do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia.

Abertura

Talvez devêssemos concentrar a atenção nas estruturas futuristas do Teatro Nacional de Pequim, um dos mais importantes projetos da arquitetura contemporânea e símbolo do renascimento econômico-cultural da China. Admirar sua fachada recoberta por cerca de 22 mil placas de titânio e seu mega-espço interno, com quase 150 mil m², que reúne um teatro de ópera com 2.416 lugares, uma sala para concertos com 2.017 lugares e um teatro com capacidade para pouco mais de mil espectadores-ouvintes, além de espaços para exposições de obras de arte. Concebido pelo estúdio francês de arquitetura dirigido por Paul Andreu, sua estrutura externa de forma oval, como uma bolha de sabão que flutua sobre o lago, não possui portão de ingresso convencional, a conexão da praça externa para o interior do Teatro Nacional se dá por um largo túnel transparente de 60 metros, abaixo do nível da água do lago artificial que o circunda. Sua inauguração, em 25 de setembro de 2007, contou com a representação do famoso balé do período da Revolução Cultural: O Destacamento Feminino Vermelho.

Todavia, na sexta-feira dia 08 de agosto de 2008, a representação em um outro espaço de estruturas futuristas seduziu a atenção de mais de três bilhões de espectadores-ouvintes em todo mundo. Adaptado para servir de gigantesco teatro de arena, o Estádio Nacional Olímpico de Pequim, o Ninho, como também é conhecido por sua estrutura em aço, que reproduz as formas de um ninho de pássaro, tornou-se palco da cerimônia de abertura dos 29º Jogos Olímpicos da era moderna. Sua complexa estrutura, concebida pelos arquitetos suíços Herzog e De Meuron, contou com a colaboração do estúdio ArupSport, o China Architecture Design & Research Group e o artista plástico de arte contemporânea Ai Weiwei. Iniciada em 2002, a obra transformou-se em desafio de cálculos e de engenharia e resultou em uma das mais instigantes edificações da atualidade. Para fazer do Ninho um verdadeiro monumento, em todos os sentidos, o governo chinês não poupou gastos e a obra custou cerca de 500 milhões de dólares.

Desde 2001, quando anunciaram oficialmente que Pequim seria a cidade-sede dos jogos olímpicos em 2008, a euforia tomou conta da nação chinesa. Um extático carnaval de comemorações e fogos de artifício selou o acontecimento esperado havia décadas pelos chineses. Com isso, para transformar a capital da China em palco de eventos espetaculares e esportivos, nem esforços nem dinheiro foram poupados. Dois milhões de trabalhadores ergueram a vila olímpica e transformaram a capital Pequim em uma cidade de feições ultramodernas. Entretanto, o investimento de 40 bilhões de dólares, cerca de 63 bilhões de reais, aplicados na infra-estrutura para a 29ª edição dos jogos olímpicos, demonstra não apenas o poder econômico da nação chinesa, mas um contexto histórico inédito, em que a China se defronta com conflitos globais de culturas. Os jogos olímpicos são para a cidade de Pequim, bem como para toda a nação chinesa, a oportunidade, em mega-escala midiática, de mostrar seu recente desenvolvimento socio-econômico e, ao mesmo tempo, abrindo-se para o mundo, a oportunidade de aprender confrontando-se diretamente com a diversidade cultural de outros países. Não há como se expandir em todos os sentidos sem enfrentar as batalhas no campo feroz da cultura.

O que a China manifesta com sua mega-*infra-estrutura* espetacular é uma imagem nacional renovada e pronta para encontro ou para o choque com as diferenças. Por tudo isso, o Ninho é metáfora de abrigo, acolhimento e proteção da cria de um novo tempo, mas é também palco para o espetáculo de novas culturas híbridas batizado com a estréia da cerimônia de abertura dos jogos olímpicos de Pequim. E é desse espetáculo de cultura milenar-contemporânea que reporto neste ensaio impressões, emoções e detalhes revelados pela observação e análise da cerimônia.

Os Bastidores

Conflitos e tensões nos bastidores da maioria dos espetáculos de representação ao vivo raramente são revelados ao público, assim, antes de descrever a cerimônia de abertura dos jogos olímpicos de Pequim, gostaria de reportar fatos pouco divulgados, detalhes da cultura chinesa e estereótipos recorrentes na mídia mundial. Pela observação atenta, pretendo analisar traços e

◆ Proscênio

sentidos espetaculares dessa cerimônia de abertura¹.

Devido à intensidade dos comentários jornalísticos e, com isso, ao enfraquecimento de intensidade do áudio original, a transmissão televisiva da cerimônia de abertura dos jogos olímpicos de Pequim, para os diversos países, sofreu alterações relevantes e, em alguns casos com grandes prejuízos para os espectadores-ouvintes. Os comentaristas das redes Bandeirantes e Globo de televisão, bem como de outras redes européias e norte-americanas, no afã de explicar em detalhes fatos da história e da mitologia chinesa, mostrados pelo espetáculo da cerimônia de abertura, reforçando estereótipos recorrentes e de pouco valor para China e para a cultura oriental, baixaram literalmente o nível do espetáculo, que dispensaria a maioria daqueles comentários, ou pelo menos, os que poluíram som e imagens dos momentos mais emocionantes. Foi como se em uma representação ao vivo em teatro ou durante uma sessão de cinema alguém estivesse se dirigindo ao público para confirmar o óbvio, causando um deslocamento contínuo entre realidade e ficção. Nos termos de Huizinga: um verdadeiro estraga-prazer.

Por isso, considero que o espetáculo da cerimônia de abertura transmitido pelas redes de televisão do mundo, recebido por mais de três bilhões de pessoas, chegou a cada espaço de forma diferenciada e, em alguns casos, com prejuízos para a expressão artística das diversas seqüências. Por outro lado, a transmissão ao vivo, para a maioria dos países, abriu uma janela na muralha da cultura chinesa e permitiu ver-ouvir outro lado do mundo. Mas, a alta definição audiovisual da TV digital para a transmissão da cerimônia de abertura não chegou a todos os cantos da ‘aldeia global’, aliás, boa parte da audiência mundial, teve que se contentar com uma transmissão repleta de ‘fantasmas’ e baixa qualidade tele-áudio-visiva .

No caso da transmissão pelo canal da TV Globo, a abertura dos jogos olímpicos de Pequim foi prejudicada não apenas pelos comentários redundantes dos jornalistas apresentadores, com a intensa redução do áudio original, mas pelos cortes freqüentes que desviaram a atenção do público e impuseram uma interpretação tendenciosa e diferente daquela apresentada pelo canal oficial das Olimpíadas. Nossas observações e análises se baseiam nas transmissões da cerimônia de abertura por dois canais de TV no

Brasil: TV Globo e TV Bandeirantes, em comparação com o vídeo gravado ao vivo no Ninho do Pássaro pela CCTV, canal oficial da televisão chinesa.

Grande mistério envolveu o espetáculo da cerimônia de abertura até o dia da sua estréia; diversos procedimentos artístico-tecnológicos ainda não foram revelados. Sabe-se que, em 17 de abril 2006, o cineasta Zhang Yimou foi nomeado diretor geral da cerimônia de abertura e de encerramento dos Jogos Olímpicos de Pequim.

Choque de culturas

Para uma cultura coletivista como a chinesa, unidade e sincronismo de grandes conjuntos humanos podem ser essenciais. Mas, esta questão passa igualmente pela crise que atinge as culturas individualistas dos países ricos. Nelas, a representação da imagem nacional ostentada como a de países livres e confiáveis conta com contínua manipulação midiática de seus fatos e perfis sociais. Uma engenhosa intriga sustentada por poderosas companhias de comunicação a serviço das elites de poder. Nesses casos, a questão não é meramente ideológica – comunismo versus capitalismo, embate simplista e retrógrado –, o que está em jogo é a capacidade político-cultural de produzir o novo, em equipe e para conjuntos cada vez maiores. ‘Um mundo um sonho’, o moto das Olimpíadas de Pequim, aponta para esta capacidade: um sonho sonhado por muitos se torna realidade.

Culturas individualistas cultivam a liberdade individual, sujeitos individualistas podem considerar o sincronismo grupal mera massificação ou símbolo de opressão. Na cultura oriental coletivista, entretanto, uma pessoa tenta ocupar o próprio lugar em uma rede social. Membros de culturas coletivistas definem seus egos mais

¹ É por meio do intercâmbio intercultural com 10 centros de pesquisa e mais 10 centros de supervisão no mundo, que o nosso grupo de pesquisa *Espetáculos Culturais Contemporâneos*, ligado ao Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia vem estudando os impactos dos jogos olímpicos de Pequim e o comportamento da mídia mundial. Para tanto, a colaboração dos colegas da Universidade de Comunicação de Pequim tornou-se fundamental para comparar dados de pesquisa, receber informações essenciais de cultura-específica e debater assuntos referentes às recentes Olimpíadas. Sou profundamente grato a Dra Luo Qing e toda sua equipe, em especial modo à estudante Liu Xing, pelo suporte e troca de dados e arquivos audiovisuais e pelo envio do DVD oficial da cerimônia de abertura dos jogos olímpicos de Pequim.



provavelmente em termos de interdependência (KÜHNEN, 2007, p.111). Contudo, a dimensão individualismo-coletivismo é um conceito amplo e rico em contradições. Variações e mudanças de comportamento em ambas as culturas dependem de inúmeros fatores. Apesar disso, o espetáculo da cerimônia de abertura dos jogos olímpicos de Pequim evidenciou força e união do voluntariado coletivista e o poder espetacular e de convencimento que a ação sincrônica de grandes conjuntos humanos pode exercer.

Seguindo parâmetros de culturas ocidentais, é muito difícil evitar preconceitos e impressões erradas sobre a cultura chinesa. As relações internacionais são marcadas por contínuos equívocos cometidos pelos países que desqualificam a cultura do outro. De acordo com Alexander Wendt, um dos influentes acadêmicos construtivistas no campo das relações internacionais, nessas relações se destacam três gêneros de cultura: a) aquela, para qual todos seriam inimigos (Hobbes), b) a que substitui a guerra pela competição (Locke) c) e a que defende aliança entre os amigos (Kant). Obedecendo a estes critérios, a união Européia, por exemplo, se inspira em Kant para as questões internas e em Locke para as externas. Enquanto, para as relações internacionais, os EUA se inspiram nas três culturas: para seus aliados de língua inglesa preferem a cultura kantiana; a de

Locke em relação às nações européias, e a de Hobbes para outros países, que eles qualificam de falidos e malvados. Uma quarta cultura, pouco conhecida pelos ocidentais, é o princípio fundamental da visão chinesa “tudo-sob-o-céu”, cujo objetivo principal é transformar um inimigo em amigo. Na cultura chinesa não existe a idéia da luta Deus versus diabo; crentes versus pagãos ou aquela do juízo universal. Para os chineses, a exclusão do outro significa a negação do mundo (TINGYANG, 2008, p.55).

De acordo com Terry Eagleton (2003, p.64), filósofo e crítico literário britânico: cultura, no sentido de religião, nacionalidade, sexualidade, etnicidade etc., é um campo de batalha feroz; de modo que, quanto mais prática torna-se a cultura, menos é capaz de cumprir um papel conciliatório, e quanto mais conciliatória ela é, mais ineficaz torna-se. A expressão “guerras culturais” sugere batalhas campais entre populistas e elitistas, entre guardiões do cânone e partidários da *difference*. O choque entre Cultura e cultura já não é mais simplesmente uma batalha de definições, mas um conflito global. É uma questão de política real, não apenas de políticas acadêmicas (ibid.2003, p.79).

Mas, a vitalidade das culturas depende tanto da preservação de seus valores como da criação de novos modelos e, por outro lado, do intercâmbio contínuo, no encontro e no

◆ Proscênio

choque com outras culturas, que proporcionam deslocamentos essenciais à expansão do conhecimento e do sentimento.

Ousadia e Supremacia

A cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim deixou uma marca indelével e não impressionou exclusivamente espectadores-ouvintes, mais de três bilhões no mundo, mas as poderosas companhias transnacionais de mídia, que certamente se preparam para um contra-ataque e para novas negociações. No intuito de refletir sobre os impactos dessas estratégias culturais de audiovisual, faço, a seguir, um resumo de algumas das seqüências iniciais da cerimônia de abertura dos jogos olímpicos de Pequim e, pela análise de partes do espetáculo, procuro interseções entre música, artes cênicas e cultura, que fizeram desse evento espetacular um laboratório provocante para nossas pesquisas.

Alguns minutos para o início da cerimônia de abertura, 91 mil pessoas lotam o Ninho. 2008 grandes tambores Fou², ordenados em fileiras, formam dois amplos conjuntos retangulares e paralelos sobre o piso do estádio olímpico devidamente forrado. Esses tambores quadrados Fou são uma versão moderna dos antigos instrumentos chineses de percussão e munidos de painéis luminosos ao redor da parte superior, que se acendem somente quando os percussionistas batem no centro do próprio tambor. Poucos instantes antes do início da cerimônia, já agachados ao lado de cada tambor, 2008 percussionistas se erguem repentinamente; todos alinhados com incrível precisão. Ensaiaram durante quatro meses os movimentos sincrônicos da contagem regressiva, que logo é executada com perfeição. Neste prelúdio para a cerimônia de abertura, a densidade dos golpes, os possantes gritos em uníssono e a sincronia dos movimentos corporais dos percussionistas compõem o ritual, que transforma o espaço do estádio olímpico em templo solene. No entanto, nessa primeira cena uma revelação: a relação visual-sonora se dá por dublagem dos figurantes. Isto é, o som dos tambores e das vozes, previamente gravado, é distribuído no espaço do estádio por um sofisticado sistema de amplificação, privo de ruídos ou zumbidos. Isto garante não apenas a distribuição equânime e o controle da densidade sonora no estádio, mas

anula problemas com os transmissores ou microfones sem fio, descuidos dos performers, microfonia e erros de execução, além de suggestionar os atuantes e todo o público pelo corpo opulento dos sons amplificados. Parece simples, mas a relação visual-sonora deve ser devidamente projetada e é composta de sensíveis ajustes que causam a sensação de verossimilhança fundamental ao espetáculo. Portanto, não se trata apenas de uma amplificação e de um play-back, mas de relações acústicas calculadas exclusivamente para aquele espaço, com conseqüente montagem e distribuição espacial dos equipamentos, transmissores e alto falantes, entre outros detalhes tecnológicos.

Arte e artimanhas

A cena seguinte tem sido alvo de críticas por parte da mídia internacional: a voz de Yang Peiyi, pequena cantora de 7 anos de idade, foi dublada por Lin Miaoke de 9 anos de idade. Com inocência e expressão visual, segundo os organizadores, Lin representou melhor a imagem nacional. Chen Quigang, compositor oficial das músicas e diretor musical dos jogos olímpicos de Pequim, afirmou que a expressão de Lin Miaoke emocionou a todos, enquanto a voz de Yang Peiyi é perfeita. Logo, a mídia ocidental tentou tirar proveito desse feito tão comum na maioria das produções audiovisuais. Como era de se esperar, O Globo Online e agências internacionais de notícia, aquelas que defendem os interesses das elites de poder, detentoras da hegemonia audiovisual mundial e, diga-se de passagem, muito experientes e competentes na luta pela manutenção desse poder, em 12 de agosto, quatro dias após a cerimônia de abertura, lançaram a seguinte manchete: “O faz-de-conta das Olimpíadas: cantora falsificada, ‘pegadas’ fake e torcida contratada”. Em uma clara tentativa de distorcer, baixar o nível e aportar máculas para a festa. Desta vez, contudo, não obtiveram eco

² Feito originalmente de barro ou de bronze, o tambor Fou é o mais antigo instrumento de percussão da China. Percussionistas tocando Fou e cantando simultaneamente, prevaleceram durante a dinastia Xia (ca. 2070 a. C.), primeira dinastia descrita pela historiografia tradicional chinesa, e a dinastia Shang que vai de 1766 a.C. a 1122 a.C. Os tambores serviam originalmente de recipiente para armazenar vinho e outras bebidas. A transformação do jarro conservador de vinho em instrumento percussivo se deu em conseqüência de festividades e comemorações.

suficiente e se afastaram da presa, preocupados com a derrota.

Ao som da canção “Um hino ao meu país”, dublada por Lin Miaoke, em alegre desfile, um grupo de crianças, em trajes típicos das diversas etnias chinesas, atravessa todo o espaço aberto do Ninho do Pássaro, trazem a vermelha bandeira da China. A bandeira é logo passada para oito soldados que, solenemente a levam próxima ao mastro onde será içada, ovacionada por um coro de 224 vozes de cantores de 56 diferentes etnias chinesas. Finalmente, o hino nacional é cantado por todos, enquanto a bandeira é içada para o alto do mastro. Mais fogos de artifício são acionados, não apenas para fora do estádio e na vila olímpica, mas em diversos pontos da cidade; o som possante das explosões sacode o ambiente e afasta tudo que é funesto.

Os fogos se apagam e o timbre de um Guqin recompõe o ambiente acústico do Ninho. Trata-se de um instrumento construído há mais de 1000 anos; nesses instantes da cerimônia, solenidade e tradição da música chinesa são sentidas. Com mais de 3000 anos de história, o Guqin é o mais antigo instrumento de cordas da humanidade. Logo, no imenso telão do estádio, é apresentado um vídeo que mostra a histórica invenção do papel e formas de caligrafia dos milhares de ideogramas da língua chinesa. A música e os instrumentos musicais da tradição oriental têm papel de destaque na cerimônia de abertura e remetem à complexidade histórica e espiritual da cultura chinesa. Enquanto a última cena do vídeo mostra um pergaminho se fechando, com os dois lados rolando para dentro, no centro da arena do Ninho, um enorme pergaminho eletrônico no chão, parece desenrolar abrindo espaço para um telão de proporções gigantescas, 22 metros de largura e 147 metros de comprimento, para a projeção de imagens digitais. No centro dele, uma enorme faixa de 20 metros de comprimento e 11 metros de largura simbolizando uma folha de papel. Em solenes e pausadas melodias ao Guqin, um experiente instrumentista marca o ambiente de contemplação e de surpresa que envolve todos os espectadores-ouvintes. O músico está dublando, uma gravação que talvez ele mesmo fizera, os sons têm impressionante qualidade de gravação e reprodução e não apresentam alguma oscilação ou mínima hesitação.

Dançarinos atuam em sensível coreografia e deixam sobre o ‘papel’ traços de

um antigo desenho, o quadro é içado e, assim como para os aros olímpicos, é levado às alturas. Tudo isso, sucede sobre o telão do qual são projetados símbolos da cultura, e escorrem vagarosamente figuras, objetos e imagens da história e da mitologia chinesa. Agora, a música que completa as imagens não é mais a do Guqin, mas a trilha sonora para um filme de ficção, sons sintetizados e profundos efeitos percussivos. O desenho é puxado para o alto, na música se intensificam os golpes, a luz é apagada e o público delira em aplausos emocionados.

Harmonia

Graves golpes de tambor introduzem a próxima cena. De repente, 3.000 figurantes estão na arena, alinhados em ordem surpreendente. Representando os seguidores de Confúcio, caracterizados por um figurino exuberante, de largas saias escuras e bem claras na parte inferior, assim que parecem estar iluminadas por debaixo e com longas plumas na cabeça, todos avançam impávidos. Suas vozes em uníssono reforçam a solenidade dos movimentos, o grupo divide-se primeiro em dois e, em seguida, em quatro segmentos quadrados, nos quatro cantos do telão central aberto no meio. Uma voz austera anuncia e o coro responde, enquanto a percussão literalmente sacode o Ninho. No meio da arena surge do fosso central uma estrutura composta por caixas alongadas, sobre cada uma delas, um ideograma chinês. O coro dos discípulos de Confúcio continua denso, assim como os intensos golpes de tambor. Então, o painel central composto de caixas ondula como um campo de espigas ao vento. O público vai ao delírio, tudo parece ser controlado eletronicamente, os movimentos de ondulação são perfeitos. Dessas caixas ondulantes, algumas sobressaem-se e formam ideogramas chineses, entre eles He que representa harmonia, tudo se completa com o coro possante e os intensos golpes nos tambores. Os blocos ondulantes simbolizam os tipos móveis da impressão, inventada pelos chineses no século VIII e são magistralmente articulados por 897 figurantes que se encontram dentro deles. A amplificação do som é impressionante. A oração, os golpes intensos dos tambores, o coro dos figurantes cercam a cena de fora para dentro. A distribuição sonora no estádio não deixa dúvida, a montagem imagem-som é como para um filme e a arena do Ninho um audiovisual sem tamanho. Só nesta cena,

◆ Proscênio

quase quatro mil pessoas atuam simultaneamente, os sons por eles emitidos se não amplificados não alcançariam o público em todos os cantos do estádio e, no caso de amplificação individualizada, o movimento dos atuantes já não seria o mesmo.

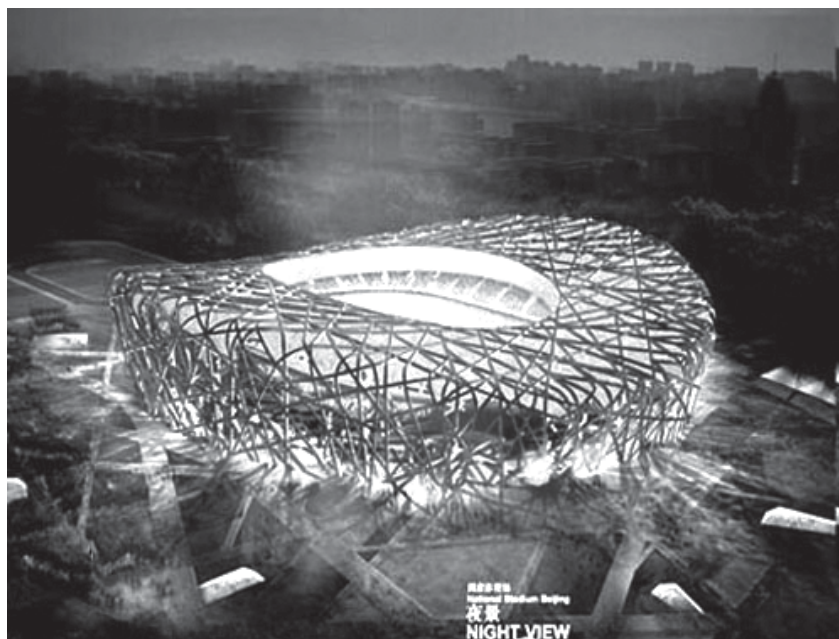
Enquanto os 3000 discípulos de Confúcio se retiram, um estrado com quatro animadores e quatro marionetes representando a ópera chinesa é trazido rapidamente para dentro da arena por dezenas de figurantes que o transportam em seus ombros.

Músicos instrumentistas nas laterais daquele palco tocam para os bonecos, percutem pratos e uma dama toca um instrumento de cordas. Centenas de figurantes, em trajes dourados, circundam o palco das marionetes fazendo

evoluções e posicionando-se ao redor do estrado, em quatro filas que formam um quadrado vazado. A apresentação termina em pouco mais de 3 minutos com uma exclamação de louvor dos figurantes que se agitam em torno do palco móvel. A atuação dos músicos e dos figurantes é tão precisa que nada parece ser dublado. Mas como seria possível ouvir as vozes dos figurantes sem microfones e distribuir com tanta intensidade o som dos instrumentos: estariam microfones invisíveis pendurados sobre aquela multidão? A captação do som original da performance musical ao vivo oferece riscos contínuos, microfones na arena captariam igualmente os ruídos de todo o ambiente. A perfeição da cena é então garantida pela trilha sonora, sua qualidade de gravação e pelas sofisticadas técnicas de reprodução e de distribuição espacial.

Novamente as luzes são apagadas, os figurantes se retiram rapidamente e o centro da arena é iluminado para apresentar o quadro seguinte. No gigantesco telão estendido no chão da arena, são projetadas belíssimas paisagens chinesas. Uma jovem dançarina trajada com rico figurino de seda, agitando no ar duas faixas de tecido, aludindo a era da “rota da seda”, é transportada por dezenas de figurantes sobre um amplo tapete que eles elevam com cajados, enquanto a jovem dança e agita no ar as faixas de seda verde. Música

de traços orientais ecoa no Ninho. O público participa ativamente do cenário, balançando a mão e alongadas lanternas de cores diversas. A dançarina é levada para fora da cena e, no telão estendido, fluem imagens espetaculares. Milhares de figurantes tra-



jados de azul marinho entram na arena armados de longos remos coloridos.

Nesta cena, o tema da navegação transforma o palco em oceano. São imagens fortes, em que o sincronismo dos movimentos e dos longos remos agitados por centenas de pessoas cria padrões de imagens e figuras impressionantes. Uma trilha sonora digna dos melhores épicos cinematográficos funde-se aos movimentos. Em todo o anel superior do Ninho são projetadas imagens de vigorosas ondas marinhas. Os homens-remo desenham o espaço, fazem referência às navegações do almirante Zheng He, que comandou navios gigantescos durante a dinastia Ming, tendo chegado às costas da África. No centro da cena, um jovem ostenta uma antiga bússola, inventada pelos chineses por volta do ano 2000 a.C. A música orquestrada e as vozes sintetizadas sustentam a grandiosidade desse

navio imaginário. A antológica cena chega ao fim e o público do Ninho vai novamente ao delírio.

Gostaria de descrever em detalhes as demais cenas e quadros que se seguiram na arena do Ninho, mais de dez novas criações cênicas e audiovisuais com a movimentação de milhares de atuantes, dançarinos, atores, músicos e o apoio técnicos de centenas de pessoas envolvidas nas diversas funções nos bastidores. Mas, o espaço para este ensaio não pode e nem deve ser do tamanho do Ninho de Pequim. Para assistir à cerimônia de abertura dos jogos olímpicos de 2008, com a qualidade de som e imagens suficiente para degustar o espetáculo, livre dos comentários dos jornalistas, a gravação original da cerimônia de abertura dos jogos olímpicos, realizada pela rede chinesa CCTV, pode ser adquirida pela Internet.

Algumas considerações em epílogo

Na maioria dos casos, a música para cena precisa ser preparada para as condições da atuação ao vivo. Contudo, espaço, tempo e contexto do evento prevêem padrões distintos que podem fazer do espetáculo algo surpreendente ou resultar em prejuízos para a trama, o texto, os atores e finalmente para o público. Recentes avanços tecnológicos e pesquisas no campo da acústica e da eletrônica têm abalado as tradicionais noções de música para a cena. A cultura audiovisual conquistou não apenas o público jovem. Técnicas de gravação imagem-som, armazenamento de dados e sofisticados cálculos de acústica junto a equipamentos de distribuição espacial do audiovisual, deslocam imagens e som em todas as direções. A técnica holográfica, por exemplo, faculta projetar imagens tridimensionais para além da tela. Enquanto parâmetros sonoros convencionais como reverberação, *eco*, *delay* e técnicas mais recentes de circulação espacial dos sons (Surround e Dolby Digital) aportam às imagens em movimento e ao imaginário dos espectadores/ouvintes uma dimensão de tempo-espaço que elas não teriam se representadas desconsiderando as relações de composição cênico-sonora da atualidade. O

resultado disso é a convivência de padrões criativos convencionais e ultramodernos, assim como aqueles apresentados durante a cerimônia de abertura dos jogos olímpicos de Pequim. Na ocasião, o espaço do Ninho fixou limitações e regras para o jogo, ou melhor, para os jogos audiovisuais. Em primeiro lugar, reunindo mais de 15 mil voluntários para o espetáculo, a China festejou a cultura coletivista. Em seguida, mostrou um arsenal tecnológico com milhares de aparelhos eletrônicos que regularam as coreografias e os movimentos em massa dos figurantes. Para a cerimônia de abertura, o cineasta Zhang Yimou fez da cultura e da tradição cênico-musical chinesa o fio condutor do espetáculo. Para tanto, não foram poupados recursos financeiros nem humanos. A transmissão do evento pelos canais de TV em todo o mundo sensibilizou mais de três bilhões de pessoas, mas os comentários, às vezes emocionados dos jornalistas, poluíram a transmissão e modificaram o nível de recepção do espetáculo. O vídeo original gravado pela rede de televisão CCTV da China apresenta a cerimônia de abertura em alta definição audiovisual. Todavia, a gigantesca audiência mundial, apesar de emocionada com a cerimônia, teve que imaginar o evento para além das limitações da transmissão televisiva. A análise das transmissões em comparação com a gravação original permitiu tecer uma rede de reflexões sobre Artes Cênicas na contemporaneidade. O intercâmbio intercultural com colegas da Universidade de Comunicação de Pequim revelou assuntos específicos de cultura e detalhes essenciais na troca de informações e arquivos digitais.

Rerefências:

Boccia, Leonardo. (2007) Music and Sound Strategies on Visual Conventions: Culture- specific, Transcultural and Global - Music, Rhythm and Sounds in the Brazilian Network Globo - Year- end Reviews 2003-2006. In **Visual Competence Symposium**. Jacobs University Bremen: <http://www.jacobs-university.de/news/events/11989/>

Boccia, Leonardo; Ludes Peter. (2007) Key Measures and Key Visuals in Brazilian and German TV Annual Reviews. In **Digital Tools in Film Studies Analysis &**

Research. Siegen: Universität Siegen:

<http://www.digital-tools-in-film-studies.com/en/programme.html>

Boccia, Leonardo (2005) Key Measures. In **Over the Waves music in-and broadcasting**. International conference: Hamilton, Ontario Canada.

<http://www.humanities.mcmaster.ca/%7Eadm/overthewaves/schedule.html>

Boccia, Leonardo. (2005) Key Measures: Music and Sounds in the Most Important TV Stations of Four Countries Visual Hegemonies. In: P. Ludes (ed.).

(2005). **Visual Hegemonies: An Outline**Münster, S. 70-98.

Brownell, Susan (2008), **Beijing Games - what the Olympics mean to China**. Lanham: Rowman & Little Publishers, Inc.

Couchot, Edmond. (2003) **A tecnologia na arte – Da fotografia à realidade virtual**. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Cook, Timothy E. (1998) **Governing with the News. The News Media as a Political Institution**. Chicago: The University of Chicago Press.

Dahlhaus, Carl. (1981) **Zeitstrukturen in der Oper**. In *Die Musik-forschung*. Kassel: Bärenreiter-Verlag.

Eagleton, Terry. (2003) **A idéia de Cultura**. São Paulo: Editora Unesp.

Grau, Oliver; Keil Andreas (2005). **Mediale Emotionen**. Frankfurt am Main: Fisher Taschenbuch Verlag.

Huizinga, Johan. (1990) **Homo Ludens. O Jogo como elemento da Cultura**. São Paulo: Perspectiva.

Kaye, Deena; LeBrecht, James. (2000) **Sound and Music for the Theatre**. Boston: Focal Press.

Kellison, Cathrine (2006). **Producing for TV and Video – A real-world approach**. Burlington, MA: Elsevier.

Ludes, Peter; Boccia, Leonardo; Kühne, Ulrich; Maguire, Joseph (2005). **Visual Hegemonies**. Münster, Lit Verlag.

Luhmann, Niklas. (1996) **Die Realität der Massenmedien**. Opladen: Westdeutsche Verlag GmbH.

McLuhan, Marshall. (2003) **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix.

Postman, Neil. (1985) **Amusing Ourselves To Death**. New York: Penguin books.

Schätzlein, Frank. Ton und Sounddesign beim Fernsehen. In Segenberg, Harro e Schätzlein, Frank.

(2005) **Sound. Zur Technologie un Ästhetik des Akustischen in den Medien**. Marburg: Schüren Verlag GmbH.

Shepherd, John; Wicke, Peter. (1997) **Music and Cultural Theory**. Cambridge UK: Polity Press.

Senn, Alfred E. (1999) **Power, Politics, and the Olympic Games**. Champaign, IL: Human Kinetics.

Tingyang, Zhao. (2008) ‘Tutto-sotto-il-cielo’ così i cinesi vedono il mondo. In **Il marchio giallo**. Milano: Gruppo Editorial L’Espresso.

Wyatt, Hilary; Amyes, Tim. (2005) **Audio Post Production for Television and Film**. Burlington, MA: Elsevier.

Gravações Digitais:

CCTV. (2008) Beijing 2008. The Opening Ceremony of the Beijing 2008 Olympic Games. DVD - Video. CCTV: Beijing.

TV Globo. (2008) Cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim. Gravação integral da transmissão, em arquivo digital.

TV Bandeirantes. (2008) Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim. Gravação integral da transmissão, em arquivo digital.

Referências na Internet:

<http://en.paralympic.beijing2008.cn/>

<http://en.beijing2008.cn/volunteers/>

http://www.olympic.org/uk/index_uk.asp

<http://www.xinhuanet.com/english/>

<http://www.cob.org.br/>

<http://www.band.com.br/pequim2008/programacao.asp#>

<http://www.chinese-tools.com/beijing2008>

<http://www.cctv.com/english/special/opening/02/index.shtml>